


Práticas de multiletramentos: Notas sobre a formulação de um jornal discente no CEFET-RJ

Multiliteracies practices: Notes on the formulation of a student newspaper at CEFET-RJ

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-122>

Bruno Silva Lopes

(CEFET-RJ) Doutor em Letras - UERJ.

E-mail: bruno.silva@cefet-rj.br

Jeimis Nogueira de Castro

(CEFET-RJ) Doutor em Ensino em Biociências e Saúde - FIOCRUZ-RJ.

E-mail: jeimis.castro@cefet-rj.br

Erichardson Tarocco de Oliveira

(CEFET-RJ) Doutor em Física - UFJF.

E-mail: erichardson.oliveira@cefet-rj.br

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados do projeto de Extensão intitulado Práticas de leitura e escrita em gêneros jornalísticos: perspectivas sociais para o letramento no espaço escolar, desenvolvido no âmbito do CEFET-RJ (campus Valença). Em linhas gerais, o projeto tenciona criar e divulgar um jornal on-line que atue, mormente, na promoção de informação, educação, cultura e cidadania, agregando as atividades de ensino, extensão e pesquisa daquela instituição. Para o desenvolvimento da pesquisa, ancoramo-nos em pressupostos sociointeracionais e dialógicos (BAKHTIN, 2011; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; ANTUNES, 2009; 2010), bem como em estudos sobre letramentos (SOARES, 2014; KLEIMAN, 2008), por meio dos quais se argumenta que (a) as práticas de leitura e escrita devem centrar-se em produções verbais efetivas e (b) que os gêneros discursivos e os

textos medeiam nossas relações com nossos interlocutores nas variadas práticas linguageiras das quais participamos no curso de nossas vidas.

Palavras Chaves: Gêneros jornalísticos, Ensino de língua portuguesa, Projeto de extensão, Deu na Telha.

ABSTRACT

This work presents results of the Extension project entitled Reading and writing practices in journalistic genres: social perspectives for literacy in the school environment, developed within the scope of CEFET-RJ (Valença campus). In general terms, the project intends to create and disseminate an online newspaper that acts, mainly, in the promotion of information, education, culture and citizenship, adding the teaching, extension and research activities of that institution. For the development of the research, we are anchored in sociointeractional and dialogical assumptions (BAKHTIN, 2011; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; ANTUNES, 2009; 2010), as well as in studies on literacies (SOARES, 2014; KLEIMAN, 2008), through from which it is argued that (a) reading and writing practices should focus on effective verbal productions and (b) that discursive genres and texts mediate our relationships with our interlocutors in the various language practices in which we participate in the course of our lives.

Keywords: Journalistic genres, Portuguese language teaching, Extension Project, Deu na Telha.

1 INTRODUÇÃO

No texto *O jornal na escola*, Moacir Gadotti (2007, p. 08) argumenta que comunicação e educação são processos complexos e inseparáveis. Como tal, nascem da necessidade inerente ao processo de humanização. No bojo dessa relação, estão meios de comunicação de massa, a exemplo dos jornais

impessos/virtuais, os quais podem ser convertidos em interessantes objetos de ensino e aprendizagem de variados gêneros discursivos pertencentes ao domínio jornalístico.

Com efeito, os jornais são importantes meios de comunicação, porquanto exercem notável influência em frentes várias, a saber: na disseminação de informações, na instrução dos cidadãos, bem como na proposição de reflexões que, não raras vezes, conduzem os rumos humanos em diversas áreas: científica, tecnológica, artística, política, cultural, dentre outras. Nesse sentido, importa dizer que os periódicos influem na formação de opinião, tendo, portanto, um relevante papel social, comunicativo e educacional em uma sociedade tão centrada na língua escrita como a nossa (FARIA, 1996).

Com respeito à esfera didática, importa considerá-los instrumentos pedagógicos agregadores, que atuam positivamente na formação discente, visto que preparam leitores-escritores para desempenhar bem seu papel na sociedade. Pensamos que, a partir da propagação de informações e da interação impulsionada por um periódico, pode-se estimular a criticidade, aperfeiçoar a habilidade de se relacionar, instigar a tomada de decisões, além possibilitar a reflexão acerca de assuntos de relevo para uma Instituição como o CEFET-RJ (*Campus Valença*), entre os quais nos compete citar: ética, política, saúde, meio ambiente, etc. Dessa forma, tem-se em conta que “A escola deve ser um espaço de produção jornalística.” (GADOTTI, 2007, p. 31).

Vale observar, ainda, que um jornal concorre, sem dúvida alguma, para o aperfeiçoamento das habilidades comunicativas dos nossos estudantes, em especial, no que concerne às competências de leitura e de expressão verbal escrita. É indiscutível a importância dessa dupla aptidão: primeiro, porque, em ambiente intraescolar, possui um caráter interdisciplinar, em virtude de concorrer decisivamente com o aprendizado das demais disciplinas no currículo. Segundo, na esfera extraescolar, constitui condição indispensável para o exercício pleno da cidadania, conforme sustentam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), pois permite que o indivíduo compreenda o significado das diversas vozes que se manifestam no debate social, pronunciando-se com sua própria voz quando oportuno for (SAVIOLI; FIORIN, 2007).

Cumprido dizer que, em leitura, temos amargado, lamentavelmente, as últimas colocações no PISA (*Programme for International Students Assessment*)¹, motivo pelo qual urge estimularmos projetos em que tal habilidade seja contemplada. Relativamente à escrita, a situação não parece ser muito diferente: com frequência, deparamo-nos com estudantes que concluíram a educação básica sem, contudo, produzir textos com proficiência. Desse modo, cremos que tal iniciativa possa funcionar como um estímulo, em especial, aos discentes, de modo que eles produzam conhecimento, leiam, escrevam, interajam por meio da escrita.

¹ Em leitura, por exemplo, o Brasil obteve a 54ª posição na avaliação de 2018. Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/pisa-2018-dois-tercos-dos-brasileiros-de-15-anos-sabem-menos-que-o-basico-de-matematica.ghtml>. Acesso em 20/02/2023.

Com vistas a um aperfeiçoamento das práticas de leitura e de escrita em língua materna, a pesquisa aqui apresentada torna público o projeto de Extensão intitulado “Práticas de leitura e escrita em gêneros jornalísticos: perspectivas sociais para o letramento no espaço escolar”, cuja proposta é atuar, mormente, na promoção de informação, educação, cultura e cidadania, agregando as atividades de ensino, extensão e pesquisa do CEFET-RJ (*Campus Valença*). Para tal, ancoramo-nos em pressupostos sociointeracionais e dialógicos (BAKHTIN, 2011; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; ANTUNES, 2009 e 2010, LOPES-ROSSI, 2011), a partir dos quais se argumenta que as práticas docentes devem centrar-se na interação verbal, principal razão de ser da linguagem. Por essa perspectivação, ganha destaque a exploração dos gêneros discursivos² e dos textos, os quais configuram o eixo norteador dessas práticas.

2 (MULTI)LETRAMENTOS, LEITURA E ESCRITA

Na esteira de Soares (2014, p. 47), compreende-se *letramento* como “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” Por essa perspectiva, é considerado *letrado* aquele que participa ativamente das situações de interação verbal que envolvem a modalidade escrita da língua na sociedade em que se insere. Essas habilidades são tão importantes quanto variadas. Envolvem desde a simples leitura de um formulário para o preenchimento, de uma mensagem veiculada pelo *WhatsApp* até a produção de variados textos mais complexos que participam do cotidiano das pessoas. Percebe-se, pois, uma relação estreita entre práticas de linguagem e o contexto social do qual emergem essas práticas, porquanto a sociedade tem nos feito exigências contínuas e diversas no que respeita às competências de linguagem.

Para Kleiman (2008), a escola é uma importante agência de letramento, muito embora por vezes não crie as condições necessárias para o desenvolvimento linguístico pleno do aluno. De todo modo, com efeito, é também no espaço escolar que o aluno pode entrar em contato com múltiplas linguagens, sendo exposto a variados gêneros e textos que poderão refinar sua competência linguística (TRAVAGLIA, 2006) no correr de sua formação.

Como agência de letramento por excelência, é preciso que a escola elabore propostas que contemplem práticas constantes e sistemáticas de leitura e de escrita, a fim de que nossos educandos participem ativamente do universo da escrita. Por essa perspectiva, um dos caminhos que se pode seguir é a vinculação do ensino de leitura e escrita às práticas sociais, uma vez que não se podem ignorar os impactos sociais da escrita na vida das pessoas. Ao ampliarmos nosso conhecimento sobre gêneros e textos, artefatos da interação verbal, passamos a ter outra condição social e cultural e, nesse sentido, mudamos nosso o lugar

² Rojo (2005) propõe uma diferenciação terminológica para “gêneros de texto” ou “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” ou “gêneros de discurso”, argumentando que a teoria dos gêneros do discurso dirige suas preocupações mais para o estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e para seus aspectos sócio-históricos, ao passo que a teoria dos gêneros de texto centraliza-se na materialidade textual. Nota-se, porém, uma tendência em se usar “gênero textual” e “gênero discursivo” como termos intercambiáveis, tal qual Marcuschi (2008).

social, nosso modo de viver na sociedade, nossa inserção na cultura. Com isso, nossa relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2014).

Recorrendo à Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 478), importa salientar ainda que, com o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), as práticas de leitura e produção de textos têm sido construídas recorrentemente a partir de diferentes linguagens e semioses que se configuram em práticas de multiletramentos³. Isso porque exigem letramentos em diversas linguagens, a exemplo das visuais, das sonoras, das verbais e das corporais. Assim, com foco no ensino e na aprendizagem das linguagens, a escola assume também o papel de proporcionar aos alunos, tanto quanto possível,

[...] experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos. (BRASIL, 2017, p. 477).

Conforme Rojo e Barbosa (2015), novas tecnologias digitais propiciaram uma nova maneira de o indivíduo se comportar, se relacionar, de falar, de se informar, aprender e de ser. De fato, com o surgimento da Web 2.0, os usuários das redes sociais, por exemplo, parecem ter mais liberdade para fazerem seu próprio conteúdo. Deve-se observar, no entanto, que o indivíduo, nesse contexto, passa a ter contato direto com muitas informações e desinformações que ele deve analisar, interpretar, avaliar e processar. Portanto, a maneira como as pessoas lidam com os textos também muda nesse cenário, o que nos faz pressupor que outras competências/capacidades de leitura e produção de textos são exigidas para que haja o engajamento em práticas de multiletramentos. Dessa forma, competências que outrora eram suficientes hoje podem não ser mais. Assim, projetos que contemplam o ensino e aprendizagem das novas linguagens se tornam cada vez mais relevantes e necessários.

Ainda: em nossa instituição de ensino, não é raro depararmos com alunos provenientes de contextos em que a leitura e a escrita não são práticas constantes. Portanto, mais importante é a função da escola em promover situações de ensino e aprendizagem que os insira em variados eventos de multiletramentos. É o que nosso projeto de Extensão tenciona fazer. Descrevemo-lo nas linhas que seguem.

3 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto de extensão “Práticas de leitura e escrita em gêneros jornalísticos: perspectivas sociais para o letramento no espaço escolar”, conduzido por todo o ano de 2022, propôs a criação de um jornal discente *on-line* que atuasse na promoção de informação, educação, cultura e cidadania, agregando as

³A Pedagogia dos Multiletramentos é uma proposta educacional difundida pelo Grupo Nova Londres (GNL) entre 1995 e 1996. Trata-se de uma educação linguística voltada para a contemporaneidade, que sugere um ensino e aprendizagem de linguagens tendo em vista as múltiplas interações, conexões, espaços de difusão de saberes e multisemioses, uma vez que, modernamente, estamos imersos em múltiplas culturas e linguagens.

atividades de ensino, extensão e pesquisa do CEFET-RJ (*Campus Valença*). Com a criação do periódico, buscou-se inserir os discentes em práticas efetivas de linguagem que contemplassem a leitura e a escrita de gêneros jornalísticos. Os alunos, como participantes do projeto, assumiram as funções de jornalistas, sendo incumbidos de tarefas como a seleção de leituras pertinentes, pesquisas, planejamento, escrita, revisão e publicação dos textos escritos por eles no decorrer do ano.

Essas atividades, nos dizeres de Lopes-Rossi (2011, p.71), podem proporcionar

[...] o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se às atividades dos alunos.

Adota-se, portanto, uma concepção de linguagem dialógica e interacional. Concebemo-la, a linguagem, como um conjunto de atividades, como forma de (inter)ação. Por esse prisma, é ela dialógica porque, para nós, cada enunciado/texto construído guarda profundas relações com outros já construídos e com outros que se estão por construir. É ela dialógica, porque todo enunciado/texto tem em vista o horizonte do outro: é “[...] *sempre um enunciado de alguém para alguém.*” (MARCUSCHI, 2008, p. 20, grifo do autor). E é interacional, pois a linguagem nos serve, fundamentalmente, como mecanismo que possibilita firmarmos relações dialógicas (intersubjetivas) uns com os outros no interior da sociedade em que vivemos, de modo a estabelecermos vínculos mútuos e recíprocos com nossos semelhantes.

Quanto aos objetivos específicos do projeto de extensão, destacam-se:

a) Contribuir com os estudos relativos aos gêneros discursivos jornalísticos, em especial no âmbito didático, fornecendo ao professor possibilidades de trabalho com textos concretos, de modo a ajudá-lo na tarefa de aprimorar a capacidade discente de produzir e interpretar textos mais eficazmente.

b) Descrever os gêneros selecionados para compor o jornal em seus aspectos estruturais, composicionais e estilísticos à luz da teoria dialógica proposta por Mikhail Bakhtin (2011), selecionando aqueles que mais possam servir à exploração pedagógica.

c) Propor sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) que possam contribuir com o desenvolvimento da capacidade discente de leitura e de escrita dos gêneros selecionados.

Integraram o projeto dez alunos do Ensino Médio Integrado do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ/*Campus Valença*), os quais puderam participar de atividades de leitura, escuta, oralidade e produção escrita, que culminaram na confecção de um jornal *on line* discente. Cabe dizer que os alunos participaram voluntariamente do jornal, não estando vinculados diretamente às disciplinas obrigatórias presentes no currículo escolar. Portanto, não houve avaliações formais, atribuição de conceitos ou qualquer implicação no resultado de desempenho acadêmico desses estudantes.

A adesão voluntária foi um elemento-chave para o sucesso da proposição, pois se observou um engajamento maior dos alunos, sobretudo se comparado a atividades rotineiras de sala de aula. Desse modo, projetos de Extensão podem ocupar um nicho interessante nas instituições, na medida em que pode potencializar o desenvolvimento de determinadas habilidades e competências que mais se aproximam da vocação dos alunos.

Nossa proposta contemplou a inserção dos gêneros no periódico discente, considerando-se a apresentação e a aplicação de módulos que compuseram sequências didáticas elaboradas para os integrantes do projeto. Uma metodologia alicerçada nas sequências, como sustentaremos na próxima seção, pode conduzir os educandos a um domínio satisfatório dos gêneros discursivos, tornando-os mais autorreflexivos, conscientes e competentes relativamente ao uso das linguagens.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em linhas gerais, nossa proposta prevê a leitura, o estudo, a análise, bem como a produção de gêneros jornalísticos para a confecção do jornal discente a partir da apresentação e da aplicação das sequências didáticas, de acordo com o que sugerem Dolz, Noverràz e Schneuwly (2004) e Lopes-Rossi (2011). A hipótese que nos norteia é a de que, com uma metodologia centralizada nas sequências, os educandos dominarão com mais facilidade as habilidades de leitura e de escrita necessárias ao domínio dos gêneros, tornando-se mais autorreflexivos, conscientes e competentes no que concerne às atividades de leitura e produção dos diversos gêneros constantes do jornal.

Acredita-se que esse procedimento metodológico, que é centralizado em práticas reais de leitura e de escrita dos gêneros, contribuirá, efetivamente, para a ampliação das habilidades leitoras e escritoras dos discentes, visto que prevê ações em etapas que:

(a) sugerem a apresentação de uma situação que motive a produção inicial de um gênero oral ou escrito a partir de esclarecimentos, leituras e explicitações de propósitos frente à atividade a ser desenvolvida;

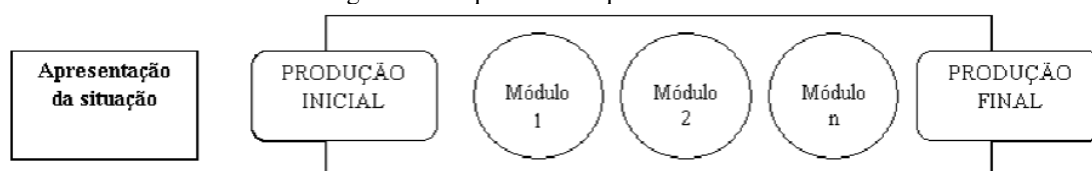
(b) geram um material inicial que permitirá o diagnóstico da compreensão e habilidade que o aluno já possui do gênero a ser trabalhado. Com isso, verificam-se também problemas relativos ao conhecimento do gênero analisado como instrumento sociocomunicativo, essencial à interação verbal;

(c) propõem módulos para sanear as dificuldades relativas à leitura e escrita dos gêneros.

(d) preparam adequadamente o aluno para a produção final do texto, permitindo-lhe refletir sobre sua própria prática e visualizar avanços quanto aos processos de leitura e produção de textos.

Tais propostas podem ser visualizadas no esquema abaixo:

Figura 01. Esquema de sequência didática



Fonte: DOLZ; NOVERRÀZ; SCHNEUWLY (2004, p. 83).

Por fim, esperamos que nossas proposições deem a dimensão da exploração didática que se pode fazer dos gêneros jornalísticos em sala de aula, de modo a contribuir com as estratégias de ensino de língua materna.

O quadro abaixo sintetiza os gêneros contemplados no jornal⁴:

Quadro 1. Gêneros desenvolvidos com a produção jornalística

Gêneros opinativos	Gêneros informativos	Gêneros literários	Gêneros de entretenimento
Editorial	Notícia	Poema	Charge
Artigo de opinião	Artigo de divulgação científica	Crônica	
Resenha crítica	Nota		
	Reportagem		

Fonte: Medina (2001)

5 RESULTADOS PRELIMINARES

A partir da realização deste projeto, durante a construção do jornal, o grupo de discentes desenvolveu oficinas de leitura e escrita de gêneros discursivos, formação de grupos de trabalho com vistas à pesquisa, levantamento de dados intra e extramuros, análise, planejamento, escrita e revisão de textos que constaram do jornal a partir de sequências didáticas propostas pelo Grupo de Genebra (DOLZ; NOVERRÀZ, SCHNEUWLY, 2004).

Nesse sentido, também foram propostas reflexões sobre o processo de elaboração de decisões editoriais específicas, como: diagramação, edição, revisão e divulgação do periódico. Todas as atividades desenvolvidas exploraram (a) habilidades de leitura e escrita relativas à formulação de gêneros jornalísticos, (b) ampliação dos repertórios sociais dos/as discentes, (c) estímulo ao protagonismo e o desenvolvimento de habilidades colaborativas e interpessoais, (d) competências e habilidades relativas à produção e à busca de informações de diversas áreas do conhecimento.

⁴ Por questões didáticas, adotamos a divisão de Medina (2001), com algumas modificações. Não obstante, é bom frisar que não se pode fixar por completo uma rigorosa divisão dos gêneros. Um bom exemplo disso é o gênero nota jornalística que, a despeito de ser afixado entre os gêneros informativos, pode perfeitamente ser escrito de um ponto de vista subjetivo.

Além dessas questões, a produção do jornal pelos discentes também atuou na transposição da informação e do conhecimento para fora da escola, estimulando a interação entre comunidade local e a sociedade por meio da divulgação de saberes de interesse público. Estabelecemos parcerias com outras instituições de ensino formal e não formal, como escolas municipais, estaduais e privadas e com instituições vinculadas a entidades e organizações de assistência social.

O jornal produzido pelos discentes⁵ abordou informações sobre: o intercâmbio de uma aluna do *campus* nos Estados Unidos; o racismo a partir da história da Clementina de Jesus; saúde mental; informações sobre as atividades desenvolvidas no *campus*, como os cursos oferecidos, os projetos de extensão e ações institucionais; resenhas de obras literárias; indicação de séries; entrevistas com campeões da Olimpíada Brasileira de Astronomia; nostalgia sobre games antigos e poemas dos alunos. Abaixo, apresentamos a capa e a primeira página do jornal produzido pelos discentes:

Figura 02. Capa e primeira página do jornal



Fonte: Jornal Deu na Telha - ANO III | NÚMERO 1 | SETEMBRO DE 2022

Finalizando esta seção acerca dos resultados preliminares, trazemos como destaque uma reportagem, que pode ser identificada na Figura 03, realizada por Caroline Assis e Maria Eduarda Watanabe, discentes do primeiro ano do curso técnico integrado ao ensino médio em Química. A reportagem mostra um relato de experiência sobre a inserção da reportagem como gênero fundamental do jornalismo. Considerando as práticas de linguagem construídas em sala de aula, essa experiência nos permitiu a implementação de um trabalho pautado pela interdisciplinaridade e por práticas de uso da língua

⁵O jornal na íntegra pode ser acesso no seguinte endereço eletrônico: <https://www.dropbox.com/s/mzhz8tsptvbof9d/Jornal%20Deu%20na%20Telha%20-%202022%20-%20I.pdf?dl=0>. Acesso em: 06 nov 2022.

situadas. Nesse sentido, foram abordados, entre outros aspectos, a função social do gênero e seus objetivos enunciativos, a inserção do discurso de outrem e seus desdobramentos, o estilo pertinente ao gênero, bem como macroestruturação do gênero e sua representatividade na esfera jornalística.

Figura 03. Reportagem sobre Ansiedade no Ambiente Escolar

ANO III | NÚMERO 1 | SETEMBRO DE 2022 JORNAL DEU NA TELHA | 6

ANSIEDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Ansiedade x estudos: por que nos sentimos tão ansiosos ao realizar uma prova?

De acordo com pesquisas criadas por alunos do ensino médio/técnico do CEFET/RJ e realizadas por meio da plataforma do Google, 82% dos alunos dizem ter tido seu desempenho afetado pela ansiedade.

Os alunos do CEFET/RJ *campus* Valença, após um longo período de distanciamento das atividades presenciais, entre os dias 27 de junho e 9 de julho, realizaram as primeiras provas do ano letivo presencialmente. Nota-se que, após este tempo longe das escolas, muitos alunos foram prejudicados pela falta de preparo antes de realizar uma prova, em se tratando não somente do conteúdo acadêmico, mas também dos fatores emocionais como a ansiedade, que afeta diariamente milhares de jovens principalmente no âmbito escolar.

A ansiedade vivida pela maioria dos estudantes é causada por fatores relacionados ao estresse, cansaço e as preocupações em relação às atividades acadêmicas. Vale ressaltar que os sintomas de ansiedade são mais frequentes no período de provas no qual os alunos normalmente se submetem a maiores cargas horárias de estudos.

Desse modo, realizou-se uma pesquisa sobre o tema a fim de destacar os resultados obtidos. Destaca-se que 84,5% das respostas relataram que o grau de ansiedade dos alunos durante a semana de provas variou entre 7 e 10, sendo o mesmo número para o grau de ansiedade durante a realização das provas.

Segundo a psicóloga da instituição, Marcela de Lima, ansiedade "É um sinal de alerta em meio ao perigo. É uma espécie de 'sexto sentido' que seu corpo percebe no ambiente e que o deixa em alerta. É normal e importante que todos tenham ansiedade por uma questão de sobrevivência. Porém é preciso diferenciar a ansiedade normalmente descrita acima da ansiedade patológica (doença) e do nervosismo pré-prova ou avaliação."

Ao questionarmos sobre os fatores que influenciam o aumento de sintomas da ansiedade durante as provas, obtive-se a seguinte resposta da psicóloga: "O que muitas vezes acontece com os alunos antes da prova é apenas um nervosismo por não ter se preparado adequadamente para a avaliação ou por não estar dominando o conteúdo que será avaliado. Às vezes, o aluno tem sintomas de ansiedade por achar

que está em perigo (obter notas baixas, ser reprovado, ser o pior aluno da turma etc.). Mas é preciso saber que nem tudo o que sentimos é real, nem sempre o perigo é verdadeiro, muitas vezes nossa mente cria coisas e sentimentos que destoam da realidade."

Marcela também sugere caminhos para que o estudante possa se sentir melhor durante a realização das provas: "Para evitar esse desconforto nas provas é preciso fazer o básico: estudar com antecedência, não deixar acumular matéria, pedir orientação ao professor, ir à monitoria, tirar um tempo de rever a matéria em casa (1h por dia por exemplo), etc. Aos que já têm a ansiedade diagnosticada por um Psiquiatra/ Psicólogo é preciso seguir tratamento medicamentoso e psicoterapêutico. É preciso reforçar que os alunos precisam dormir bem às vésperas de uma avaliação, se alimentar bem, desconectar um pouco da internet e de outras coisas que possam vir a causar a mente. Alimentar-se bem também é fundamental pois alguns alimentos podem atrapalhar o rendimento do aluno na prova, por exemplo, consumir bebida alcoólica na véspera de uma prova ou evento importante. A atividade física também é primordial para o controle da ansiedade." Por fim, ela reforça que: "O controle da ansiedade é processual. Não é da noite para o dia. É preciso uma prática de cuidado de si que aconteça o ano inteiro."

Portanto, observa-se que os alunos ansiosos se sentem mais nervosos e menos preparados que os demais, o que gera uma sensação de meio prejudicial em relação ao seu desempenho acadêmico. Assim é importante ressaltar que há necessidade de medidas e cuidados que colaborem com a diminuição de casos frequentes da ansiedade no ambiente escolar.

POR:



Caroline Assis Maria Eduarda Watanabe
1º Ano do Integrado em Química

Fonte: Jornal Deu na Telha - ANO III | NÚMERO 1 | SETEMBRO DE 2022

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorada em uma perspectiva dialógica e interacional de linguagem, cremos que a presente pesquisa contribui para o desenvolvimento das práticas de ensino em língua materna, uma vez que propõe procedimentos que inserem os educandos em práticas reais de uso da linguagem, tendo um impacto positivo na condução das metodologias de que dispõem os docentes para exercer o seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, sustentamos que o desenvolvimento da competência metagenérica (KOCH; ELIAS, 2013), que prevê a compreensão e a produção dos gêneros discursivos na vida social, tem de ser um dos pilares do ensino de língua materna. Tal proposição, como já se afirmou, afina-se com as sugestões propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), sobretudo no que concerne à leitura e produção de textos escritos.

Para finalizar, compete reiterar que a produção sistemática de textos pertencentes ao domínio jornalístico pode contribuir significativamente para o aperfeiçoamento da competência comunicativa dos discentes (TRAVAGLIA, 2006), na medida em que os leva a amadurecer como pesquisadores e como seres humanos, num processo que os conduz ler textos variados, realizar inferências, levantar dados, fazer escolhas, organizar dados, ordenar ideias, verificar hipóteses, comparar, comprovar, tomar notas, planejar o texto, argumentar, contra-argumentar. Atividades como essas, sem dúvida alguma, concorrem para a autonomia intelectual e, por corolário, para a construção da cidadania de nossos estudantes.

REFERÊNCIAS

- Antunes, i. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São paulo: parábola editorial, 2010.
- Antunes, i. *Aula de português: encontro e interação*. São paulo: parábola editorial, 2009.
- Bakhtin, m. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo bezerra. São paulo: martins fontes, 2011.
- Brasil. Base nacional comum curricular. Brasília: mec, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/bncc_ensinomedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.
- Brasil. Secretaria de educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: mec/sef, 1998.
- Dolz, j., noverraz, m. E schneuwly, b. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: schneuwly, b.; dolz, j. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane rojo e glaís sales cordeiro. São paulo: mercado de letras, 2004.
- Faria, m. A. *Como usar o jornal na sala de aula*. São paulo: contexto, 1996.
- Gadotti, m. *O jornal na escola e a formação de leitores*. Brasília: liber livro editora, 2007.
- Koch, i. E elias, v. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São paulo: contexto, 2013.
- Lopes-rossi, m. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: karwoski, alcir; gaydeczka, beatriz; brito, karin. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São paulo: parábola editorial: 2011.
- Marcuschi, l. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: Marcuschi, l. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São paulo: parábola, 2008.
- Karwoski, a.; gaydeczka, b.; brito, k. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São paulo: parábola editorial: 2011.
- Medina, j. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. *Revista simposium, pernambuco*, ano 05, nº 01, 2001.
- Rojo, r. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: meurer, j.l.; bonini, a.; motta roth, d. Org. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São paulo: parábola editorial, 2005.
- Rojo, r.; barbosa, j. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São paulo: parábola editorial, 2015.
- Savioli, f. P.; fiorin, j. L. *Para entender o texto*. 11ª ed. São paulo: ática, 2007.
- Travaglia, l. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11ª ed. São paulo: cortez, 2006.